

TABULEIRO DE LETRAS

O *ethos* de um ídolo do basquete brasileiro na biografia “Wlamir Marques: O Diabo Loiro”

The *ethos* of an idol of Brazilian basketball biography "Wlamir Marques: The Devil Blonde"

Deisiane Maria Moreira Cabral¹
Rafael Duarte Oliveira Venancio²

RESUMO:

Trajetórias de vida rendem muitas obras nas editoras brasileiras. Não é à toa que existem tantas biografias de pessoas notórias nas mais diversas áreas. No cenário esportivo, atletas de diferentes modalidades esportivas possuem suas histórias de vidas estampadas em livros. O presente artigo procura analisar o *ethos* do ídolo do basquete Wlamir Marques construído na obra biográfica “Wlamir Marques: O Diabo Loiro”. Com a análise da obra, poderemos compreender qual é a imagem de Wlamir apresentada na narrativa sobre o atleta. Para tanto, discussões sobre livro-reportagem, biografia, jornalismo esportivo e *ethos* discursivo foram traçadas no decorrer deste trabalho.

Palavras-chave: Livro-reportagem; Biografia; Jornalismo esportivo, *Ethos*; Wlamir Marques.

ABSTRACT:

Life trajectories yielded much business in the Brazilian publishers. No wonder there are so many biographies of notable people in several areas. The sports scene in different sports athletes have their stories printed lives in books. This article analyzes the basketball idol ethos Wlamir Marques built in biographical work "Wlamir Marques: The Devil Blonde." With the analysis of the work, we can understand what the image Wlamir presented in the narrative of the athlete. To this end, discussions on book-entry, biography, sports journalism and discursive ethos were drawn during this work.

Keywords: Book-entry; Biography; Sports journalism, *Ethos*; Wlamir Marques.

1. Introdução

Estamos nos anos 2000. Como algo que aconteceu na década de 1950 pode ser lembrado pelos que viveram nessa fase ou conhecido por quem nem sequer era nascido nessa época? Estamos falando de um período em que a televisão tinha acabado de chegar ao Brasil e

¹ Mestranda do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação. deisianecabral@yahoo.com.br

² Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). Professor do Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo e do Curso de Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). rdovenancio@gmail.com

que não existe um acervo de imagens dos jogos de basquete. É nesse contexto que, nas quadras do esporte de bola ao cesto, brilha um jovem jogador: Wlamir Marques, apelidado de Diabo Loiro. Como um ídolo do basquete que atuou no esporte há mais de 50 anos pode ter sua trajetória conhecida nos dias de hoje, mesmo por quem não acompanhou sua carreira?

O livro-reportagem é uma resposta para essa pergunta. Por meio desse veículo, é possível conhecermos histórias, pessoas, lugares e acontecimentos da época atual ou que aconteceram no passado. O livro-reportagem é um formato jornalístico que, como o próprio nome indica, é composto por reportagens. Trata-se de narrativas de realidade, pois o que se reporta é algo concreto, que de fato aconteceu. Além disso, o discurso presente no texto nesse formato é híbrido, visto que podemos observar o uso de elementos do jornalismo e da literatura em sua composição.

Existem diversas modalidades de livro-reportagem, segundo Lima (2009). Uma delas é a biografia. As biografias são histórias de vida de alguém, pessoas célebres ou não conhecidas, cuja trajetória denote importância e mereça, no ponto de vista do biógrafo ou da editora responsável pela publicação, ser contada ou se tornar pública. Falamos em biografias jornalísticas quando essas obras são produzidas sob a ótica jornalística, ou seja, quando elementos do jornalismo são empregados no processo de produção de uma obra com esse formato.

Histórias de vida rendem muitas obras nas editoras do Brasil. Existem biografias de cientistas, escritores, músicos, atores, cientistas, políticos, pensadores e outras tantas. No universo do Jornalismo Esportivo também existem inúmeras publicações de ídolos do esporte. Pelé, Garrincha, Ayrton Senna, Gabriel Medina, Giba, Oscar, Wlamir Marques tiveram suas trajetórias narradas em livros. Aliás, na prática do Jornalismo Esportivo podemos observar que há a construção de ídolos esportivos. Estamos falando dos chamados Olímpianos, de Edgar Morin.

Este artigo aborda as noções de livro-reportagem, biografia e suas características. Além disso, é apresentada uma análise baseada no *ethos* sobre o livro-reportagem-biografia “Wlamir Marques: O Diabo Loiro”. A obra narra a trajetória de vida de um ídolo do basquete brasileiro, o jogador Wlamir Marques. O livro foi escrito por Auri Malveira, administrador de empresas, executivo e escritor. O *ethos* é uma noção que está ligada ao “tom” dado a um texto, seja ele oral ou escrito. Com a análise da obra, poderemos compreender qual é o discurso de si, a imagem de Wlamir apresentada na narrativa sobre o atleta.

Vamos iniciar a discussão, neste artigo, apresentando o referencial teórico. Assim, os conceitos e características de livro-reportagem e biografia são apontados. Em seguida, abordamos o cenário da biografia e o universo do jornalismo esportivo. Depois, apontamos o referencial metodológico, apresentamos a obra, que é objeto da nossa análise, e trazemos a análise do livro “Wlamir Marques: O Diabo Loiro”. Para efeito conclusivo do trabalho, procedemos às considerações finais.

2. Livro-reportagem e Biografia

O livro-reportagem pode ser definido como um veículo de comunicação de narrativas de realidade. Trata-se de um produto em que podemos encontrar histórias de pessoas, lugares, eventos e acontecimentos que, de fato, existem ou existiram. O conteúdo vai além do relato simples e preso à fórmula clássica do *lead* presente no jornalismo periódico. Aliás, o formato é um meio não-periódico que possibilita trabalhar temas em profundidade. Como afirma Edvaldo Pereira Lima (2009), o veículo cumpre uma função importante: “prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva” (LIMA, 2009, p. 1).

Para Lima, o livro-reportagem é um subsistema do sistema jornalismo. A construção de uma obra desse formato inclui técnicas do fazer jornalístico, como o processo de produção, redação, edição e revisão. Ainda segundo o autor, quem produz o livro é, geralmente, um jornalista.

Assim, levando em conta a sua face dinâmica, o livro-reportagem é um subsistema por incorporar elementos procedentes do jornalismo — os próprios autores, sua narrativa por excelência, que é a reportagem, seus recursos técnicos — e, em menor escala, do sistema editorial — os meios de produção específicos do setor, as condições peculiares de produção de livros e suas condicionantes, as editoras, o mercado editorial, o público, os esquemas de distribuição do produto livro, e assim por diante (LIMA, 2009, p. 39).

O livro-reportagem é um formato jornalístico que, como o nome sugere, é composto por reportagens. Reportagem é uma categoria do jornalismo em que a abordagem ampliada

acerca de um tema, evento ou pessoa ganha projeção. É justamente com o intuito de ir além do tratamento raso dado à notícia que surge a reportagem no jornalismo. É o que afirma Lima:

Por isso, visando atender a necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance, é que o jornalismo acabou por desenvolver a modalidade de mensagem jornalística batizada de *reportagem*. É a ampliação do relato simples, raso, para uma dimensão contextual. Em especial, esse patamar de maior amplitude é alcançado quando se pratica a *grande-reportagem*, aquela que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto, oferecendo, a seu autor ou a seus autores, uma dose ponderável de liberdade para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia, com o *lead* e as pirâmides já mencionadas (LIMA, 2009, p. 18).

Produzir um livro-reportagem significa utilizar os recursos da prática jornalística para se construir narrativas de realidade. Narrar significa relatar acontecimentos reais ou imaginários, logo, “a narrativa não é privilégio da arte ficcional” (SODRÉ; FERRARI, 1986, p. 11), pois o discurso narrativo é também usado na não ficção. Seguindo essa concepção, de acordo com Lima, a narrativa é:

[...] o relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato (LIMA, 2009, p. 138).

Lima explicita que o livro-reportagem apresenta uma série de liberdades: temática, de angulação, de fontes e temporal. Na produção de uma obra desse formato jornalístico, diversos temas podem ser explorados. Ademais, o enfoque dado ao que se narra também é livre. É o autor que determina como abordará o tema escolhido e quais recursos utilizará, além do que o autor também pode usar fontes variadas. Vale dizer que o livro-reportagem não se prende à atualidade, pois há uma liberdade temporal. Por falar em liberdade temporal, existem livros-reportagem produzidos a partir de algo que repercute na atualidade e obras cujas temáticas envolvam o passado de algo ou alguém, levando em conta o tempo histórico daquilo que se narra.

O fato de explorar temas do passado traz um saldo positivo para o livro-reportagem, pois este “elimina, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística” (LIMA, 2009, p.4). O livro-reportagem não possui caráter passageiro, isto é, o conteúdo veiculado tem valor no presente e

possui, ainda, significado no futuro, uma vez que a modalidade comunicativa pode eternizar uma história de vida, pessoa ou acontecimento.

A arte de produzir um livro-reportagem vai além de se utilizar os elementos da prática jornalística para construir narrativas de realidade. Isso porque se trata de um meio híbrido, pois, geralmente, apresenta recursos do jornalismo e da literatura. Assim, na produção de uma obra em que se contam histórias reais, o jornalismo literário é bastante utilizado. Pena (2006) discorre sobre a importância em empregar este recurso na prática jornalística:

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 13).

Para Felipe Pena, o jornalismo literário está ligado à linguística. E mais: é uma forma que nos permite dar “musicalidade” ao texto. De acordo com o autor, “estamos sempre ‘empalavrando’ o mundo. O que falta é valorizar a musicalidade” (PENA, 2006, p. 21). Assim, a forma literária possibilita a construção de um texto mais leve e agradável aos leitores. Em uma obra na qual aparecem narrativas longas, esse tratamento dado ao conteúdo é importante, pois contribui para prender a atenção do leitor ao longo da narrativa.

Lima (2009) explica que existem diferentes categorias de livros-reportagem, e estes se distinguem quanto ao tema ou ao tratamento narrativo. Segundo a classificação do autor, os tipos de obras desse formato são: livro-reportagem-perfil, livro-reportagem-depoimento, livro-reportagem-retrato, livro-reportagem-ciência, livro-reportagem-ambiente, livro-reportagem-história, livro-reportagem nova consciência, livro-reportagem-instantâneo, livro-reportagem-atualidade, livro-reportagem-antologia, livro-reportagem-denúncia, livro-reportagem-ensaio e livro-reportagem-viagem.

Neste trabalho vamos abordar sobre dois tipos, em virtude de o objeto de análise do artigo se enquadrar nessas categorias: o livro-reportagem-perfil, focalizando uma variante deste tipo – a biografia – e o livro-reportagem-história.

O livro-reportagem-história, conforme o nome indica, é aquele que traz uma história que tem significado para o presente. Nessa perspectiva, o livro-reportagem-história “[...] focaliza um tema do passado recente ou algo mais distantes no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo

comum com o leitor atual” (LIMA, 2009, p. 54). No livro-reportagem-história há uma reconstrução de algo que aconteceu. Para isso, utiliza-se da memória, e “entendido como resgate de riquezas psicológicas e sociais, esse método de captação encontra melhor aplicabilidade no livro-reportagem” (LIMA, 2009, p. 127).

Nesse contexto, a memória é um elemento utilizado para a coleta de fatos que irão compor uma história. Segundo Jacques Le Goff, “tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 1924, p. 49).

Já no livro-reportagem-perfil o foco da obra é uma pessoa, conforme explanação de Lima:

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personalidade anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. No primeiro caso, trata-se, em geral, de uma figura olimpiana. No segundo, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. Uma variante dessa modalidade é o livro-reportagem-biografia, quando um jornalista, na qualidade de ghostwriter ou não, centra suas baterias mais em torno da vida, do passado, da carreira da pessoa em foco, normalmente dando menos destaque ao presente (LIMA, 2009, p. 51-52).

Considerando que o livro-reportagem é um veículo de construção de narrativas de realidade, o livro-reportagem-biografia é, assim, uma narrativa de personagem. Conta-se uma história real de vida de alguém. A biografia é uma modalidade que traça o retrato de um personagem. O foco é justamente uma pessoa e o relato se volta para o passado, abordando o que aconteceu, como aconteceu a trajetória de vida de determinado indivíduo.

Uma trajetória de vida possui inúmeros acontecimentos, características e detalhes. É fato que aquilo que se narra é algo real, mas uma história pode ser abordada sob diversos ângulos, e a forma como essa história é contada depende de quem a está contando. Vilas Boas traz uma definição exata desse ponto de vista: “Ponto pacífico que biografia é o biografado segundo o biógrafo. Em outras palavras, um trabalho autoral” (VILAS BOAS, 2002, p.11).

Assim, podemos afirmar que nem todo livro-reportagem-história é uma biografia, mas que toda biografia é também um livro-reportagem-história. Uma obra biográfica traz à tona uma história do passado que tem algum significado no presente. Há uma reconstrução da história de vida de uma personalidade por meio da narrativa e, nesse processo, “o biógrafo enfrenta acontecimentos que moldaram seu biografado ou foram por ele moldados. Sem

passado não há biografia, como não há história com agá maiúsculo” (VILAS BOAS, 2002, p. 18).

3. O cenário da Biografia: trajetórias de vidas célebres

As narrativas de trajetória de vida são famosas nas prateleiras das livrarias de todo o Brasil e estão entre as obras preferidas pelos leitores. A pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró-Livro e Ibope Inteligência em 2011, aponta que 40% da população brasileira, mais de 88 milhões de pessoas, leem biografias frequentemente.

O setor explora personagens variados, estampando histórias de vida de pessoas de diversos segmentos. Narram-se histórias de vidas, geralmente de pessoas notórias – ou por terem conseguido êxito em alguma área de sua vida ou por terem realizado algum feito importante para um lugar ou determinado campo. Não é à toa que existem inúmeras obras sobre astros da música, políticos notáveis, cientistas que fizeram descobertas importantes, esportistas que obtiveram grandes conquistas na sua modalidade de atuação, escritores famosos, atores e apresentadores celebrizados na grande mídia. Como aponta Vilas Boas, “livros sobre vidas célebres despertam a atenção de grupos heterogêneos de leitores” (VILAS BOAS, 2002, p. 18).

São pessoas cuja trajetória de vida chama a atenção, despertando a curiosidade do público leitor para conhecer tal história. “A vontade de conhecer detalhes da vida de pessoas que, pelo bem ou pelo mal, se tornaram notórias faz parte da natureza humana. Desde sempre. Não é de se admirar, então, que leitores pelo mundo incluam tantas biografias ao seu hábito de leitura” (PEREIRA, 2011, s.p).

Muitas vezes, o caminho percorrido pelo biografado vai do início difícil ou precoce até atingir o ápice: a conquista de algo. A identificação por parte do público, muitas vezes, vem desse fator. A história contada serve de espelho, de inspiração para o leitor. O início difícil, as lutas enfrentadas ao longo do caminho se aproximam da realidade das pessoas. É aquela história, o biografado é gente como a gente, se ele correu atrás dos seus sonhos ou venceu dificuldades na vida em busca de conquistar um sonho, de realizar um projeto, nós podemos fazer isso também.

Os biografados são os chamados Olimpianos de Edgar Morin. Eles “não são os deuses da mitologia grega, mas são relacionados e vistos como tal. São os campeões, os príncipes, os artistas renomados, reis, e muitos outros, endeusados e mitificados pela cultura de massa”,

(MARTIN, 2015, p. 3). Os olímpianos são divinos e humanos e circulam no universo da projeção e no da identificação, segundo descreve Morin:

Concentram nessa dupla natureza um complexo virulento de projeção-identificação. Eles realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar, mas chamam os mortais para realizar o imaginário. A esse título os olímpianos são condensadores energéticos da cultura de massa. Sua segunda natureza, por meio da qual cada um se pode comunicar com sua natureza divina, fâ-los participar também da vida de cada um. Conjugando a vida cotidiana e a vida olímpiana, os olímpianos se tornam *modelos de cultura* no sentido etnográfico do termo, isto é, modelos de vida. São heróis modelos. Encarnam os mitos de autorrealização da vida privada (MORIN, 1997, p. 107)

O que foi colocado aqui sobre o cenário da biografia se encaixa com narrativas de vida de personagens de diversos campos, mas é algo inerente ao esporte. Os atletas se configuram em heróis. É herói o jogador que salvou a partida, fez o gol ou a cesta, defendeu gol, que ganhou o jogo, o título, que foi campeão na sua modalidade esportiva, conquistou medalhas e troféus. É herói para o torcedor. É herói na mídia, que o caracteriza como tal.

4. Jornalismo Esportivo e Biografia

“Jornalismo Esportivo: relatos de uma paixão”. Este é o título do livro de Celso Unzelte sobre a prática jornalística esportiva e diz muito sobre o que é o Jornalismo Esportivo. Mais do que a definição óbvia de que o jornalismo esportivo é uma especialidade do jornalismo dedicada à cobertura esportiva, a editoria de esportes é uma cobertura de paixão. Paixão de quem relata, muitas vezes, e paixão de quem lê, ouve ou vê matérias esportivas. Estamos falando de uma paixão de milhares de pessoas. Logo, tratar de esportes é lidar diretamente com emoção. Como afirma Celso Unzelte, “a paixão é inerente ao esporte, e, por extensão, à atividade do jornalista esportivo. Mais inteligente do que negá-la é saber lidar tanto com sua paixão quanto com a dos outros” (UNZELTE, 2009, p. 15).

O fato de lidar com emoção e paixão não exclui a característica de que Jornalismo Esportivo é jornalismo. E isso significa que a prática jornalística esportiva possui técnicas que norteiam o seu fazer:

Antes de tudo, o Jornalismo Esportivo é um jornalismo técnico. De números, de fatos, de jogo e de dinâmicas próprias. Possui suas interfaces com a História, com a Sociologia e com a Economia, mas sua atividade-fim é relatar o jogo, opinar de acordo com os parâmetros postos e entrar na lógica de interesse público que o esporte demanda. Como o esporte é pura competição, essa situação permeia o Jornalismo Esportivo, especialmente no desenvolvimento de subjetividade. A opinião jornalística de esportes pressupõe não só um time que você torce, mas também todos os outros que você não torce (VENANCIO, 2014, s.p).

Como já mencionado, o setor das biografias explora inúmeras trajetórias de vidas de pessoas de diversos campos: música, literatura, cinema, política, entre tantos outros. No cenário esportivo isso não é diferente. Ídolos do futebol, basquete, atletismo, surfe, UFC, Fórmula 1, entre outros, têm sua trajetória de vida estampada em páginas de livros. Os biografados são atletas renomados, campeões, referência na modalidade esportiva que pratica. As biografias retratam a trajetória vitoriosa dos esportistas. Para citar algumas das muitas obras existentes, no Brasil podemos citar as biografias de Mané Garrincha (“Estrela Solitária”), Pelé (“Pelé: A Importância do Futebol”), Giba (“Giba Neles”), Ayrton Senna (“Ayrton Senna, uma lenda a toda velocidade”), Gabriel Medina (“A Trajetória do Primeiro Campeão Mundial de Surfe do Brasil”), Oscar (“Oscar Schmidt: 14 Motivos Para Viver, Vencer e Ser Feliz”) e Wlamir Marques (“Wlamir Marques: O Diabo Loiro”).

“Wlamir Marques: O Diabo Loiro” é uma biografia de um ídolo do basquete brasileiro, escrita pelo administrador de empresas, executivo e escritor Auri Malveira. Trata-se de um livro-reportagem sobre a história de vida de Wlamir Marques no esporte de bola ao cesto. Na obra conta-se a trajetória do jogador no basquete, desde o início da sua carreira nessa modalidade esportiva até sua profissão atual como comentarista de basquete na televisão. O livro contempla não somente aspectos da vida profissional do apelidado Diabo Loiro, mas também fatos de sua vida privada, quais sejam: casamento, nascimento de filhos, problemas de saúde e empregos paralelos à carreira esportiva, como o seu trabalho nos Correios, uma vez que o basquete era um esporte que contava com atletas amadores. Os jogadores recebiam apenas uma ajuda de custo, e para complementar a renda, geralmente tinham uma profissão paralela à carreira esportiva.

Na obra, enfatizam-se as glórias do jogador atribuindo qualidades ao ídolo do basquete, discorre sobre conquistas e também derrotas. Narra-se a convocação precoce do jogador, aos 16 anos de idade, para integrar a Seleção Brasileira de Basquete. Conta-se sobre o nascimento de Wlamir em 16 de julho de 1937, sua família, um pouco da sua infância

quando já se aventurava pelo mundo do esporte. Antes de se tornar um ídolo do esporte de bola ao cesto, Wlamir praticou natação, futebol, vôlei e também atletismo.

No basquete, Wlamir Marques começou jogando no time infantil da Escolinha do Tumiaru com 13 anos de idade. Depois atuou no XV de Piracicaba, equipe na qual se eternizou como ídolo do esporte, no Corinthians e no Palmeiras. Ficou famoso pelos seus *jumps*³ e bandejas⁴. Wlamir participou de inúmeras competições entre mundiais, olimpíadas, pan-americanos, sul-americanos, campeonatos regionais e jogos amistosos.

5. Metodologia: o *ethos* na biografia de Wlamir Marques

O nosso intuito, neste artigo, é verificar o discurso de si construído na biografia de Wlamir Marques, por meio do *ethos*. Segundo Maingueneau, o *ethos* “constitui uma dimensão de todo ato de enunciação” (MAINGUENEAU, 2008, p.12). A primeira noção de *ethos* conhecida vem da retórica antiga. Na visão aristotélica, o *ethos* está ligado ao modo de enunciação dos oradores. Assim, “a prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança”, (MAINGUENEAU, 2008, p.13).

Esta era uma dimensão bem conhecida da retórica antiga, que entendia por *ethos* as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, não pelo que diziam de si mesmos, mas pela aparência que lhes conferia o próprio modo de enunciarem seus discursos: o ritmo, a entonação, a escolha das palavras e dos argumentos revelavam determinadas características desses oradores (MUSSALIM, 2008, p. 70).

Para Maingueneau, o *ethos* não é uma característica apenas do discurso oral. Ele está presente na modalidade escrita também: “Todo texto escrito, mesmo que o negue, tem uma “vocalidade” que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”, estando eles, por sua vez, associados a uma caracterização do corpo enunciador...” (MAINGUENEAU, 2008, p.17-18).

A partir desse entendimento, uma análise do discurso presente em determinado texto nos mostra qual é a imagem de si construída pelo autor naquele texto. Na obra biográfica “Wlamir Marques: O Diabo Loiro” observamos as escolhas lexicais para sabermos qual é o

³ Jogada típica do basquete. Trata-se do “arremesso executado durante o salto” (UNZELTE, 2009, p. 144).

⁴ Jogada típica do basquete. Refere-se ao “arremesso feito no ar e em movimento executado nas proximidades do aro”, (UNZELTE, 2009, p. 144).

discurso apresentado sobre o biografado. Por meio das marcas discursivas, podemos conhecer qual a imagem construída do esportista nas páginas do livro-reportagem.

6. Wlamir Marque: o excelente jogador e o bom ser humano

Logo na apresentação da obra pelo autor, Auri Malveira, já temos indícios da imagem do biografado que será estampada no decorrer da obra. Isso significa que ao longo da trajetória de vida narrada há uma construção do *ethos* do biografado. O autor engendra um discurso de Wlamir Marques, que pode ser percebido por meio dos enunciados e das escolhas lexicais de Auri Malveira. Mas que *ethos* é esse? Quem é o Wlamir Marques apresentado no livro-reportagem-biografia em questão?

No decorrer da narrativa biográfica, o autor utiliza diversas expressões para se referir a Wlamir Marques no cenário do basquete: “ícone”, “célebre jogador”, “fenômeno”, “estrela mais cintilante”, “jogador genial”, “craque”, “um dos maiores jogadores de basquete do Brasil e do mundo”, “ídolo”, “herói”. Na Introdução, Auri Malveira apresenta o “ícone” que será estampado nas páginas da obra:

O personagem aqui retratado foi o mais célebre jogador da história do basquete brasileiro, tendo edificado sua carreira sob o signo das glórias, palavra que no vocabulário do esporte traduz o maior sonho do esportista. Aos 16 anos, ainda juvenil, notabilizou-se como titular da Seleção Brasileira de adultos; aos 17, foi o fenômeno do II Campeonato Mundial, em 1954, no Rio de Janeiro, o que lhe valeu os batismos de Diabo Loiro e Disco Voador, rótulos que ficaram para sempre indissociados do seu nome (MALVEIRA, 2013, p. 17).

O trecho transcrito acima revela dois apelidos que Wlamir Marques recebeu: “Diabo Loiro” e “Disco Voador”. O próprio título “Wlamir Marques: O Diabo Loiro” evidencia um dos batismos. Os apelidos estão ligados a quem era Wlamir Marques nas quadras de basquete. Foram suas boas atuações, as quais impressionavam torcedores, profissionais do ramo de basquete e adversários, que renderam tais rótulos ao atleta:

Como reconhecimento de suas boas atuações, a imprensa esportiva do Rio de Janeiro cunhou dois rótulos que davam representatividade a quem tinha sido autor das mais eletrizantes jogadas no Maracanãzinho: Disco Voador e Diabo Loiro. Este último batismo teve origem no Jornal do Brasil (MALVEIRA, 2013, p. 55).

Um aspecto bastante ressaltado na obra biográfica é o talento de Wlamir no basquete. Talento e técnica, na verdade, características que levaram o atleta a ter grandes feitos em sua carreira. Ele é descrito como um jogador completo, que encestava bem de qualquer distância, tinha facilidade de se infiltrar entre os adversários e ainda era veloz. Uma das marcas do atleta no basquete bastante, mencionada no livro, é o *jump*⁵: “Sua estirpe de jogador genial combinava talento e técnica com destreza insuperável, ferramentas que lhe permitiram ser o maior encestador da sua geração e realizar jogadas estonteantes. O *jump*, um arremesso que estilizou quando ainda era juvenil, tinha a sua assinatura”. (MALVEIRA, 2013, p. 17). Outra marca associada a Wlamir Marques é “número 5”, número da camisa que o jogador vestia na seleção.

Wlamir Marques não é só Wlamir Marques. Ele é o “Pelé” do basquete brasileiro. Sua imagem está relacionada à de Pelé, por meio da comparação. Pelé é um marco no futebol, visto como o melhor jogador do esporte de bola nos pés do Brasil. Daí a comparação, para as pessoas, principalmente aquelas que não o viram atuar em quadra, terem a noção da representatividade do atleta para o basquete nacional.

Para não poucos que o viram jogar, ele “foi o Pelé do basquetebol nacional”, e “é fora de dúvida que Pelé no futebol e Wlamir na bola ao cesto constituem-se nas maiores figuras brasileiras...”. Para outros, “foi o mais perfeito jogador brasileiro de todos os tempos”, o “marco do basquete brasileiro, e ainda não apareceu outro igual”; “o mais genial dos alas do basquete mundial”! (MALVEIRA, 2013, p. 17).

Nas páginas da biografia, Auri relata quem era Wlamir Marques, o “cara” que se tornou ícone no basquete. Ele é o garoto prodígio. Aquele que começou sua vida esportiva cedo e mesmo sendo novo já conseguia grandes feitos. Aos 16 anos, o então juvenil disputava jogos no time de adultos e foi convocado para integrar a Seleção Brasileira de Basquete. O atleta é também proativo, que faz inúmeras atividades ou exerce várias funções. É o profissional determinado, dedicado, perseverante e que trabalha muito. No início da carreira, praticava diversos esportes como basquete, vôlei, natação, futebol e atletismo. O basquete ganhou sua preferência e o notabilizou como um craque. Mais tarde, o atleta concilia a prática esportiva com o emprego no Correios e Telégrafos e, depois, de técnico de outros times. Ainda jogando basquete, depois dos 30 anos de idade, volta a estudar, faz supletivo, ingressa no ensino superior e se forma em Educação Física. Depois de formado, torna-se professor da

⁵ Jogada típica do basquete. Trata-se do “arremesso executado durante o salto”. (UNZELTE, 2009, p. 144).

área em universidades, continua jogando e sendo técnico. Ao abandonar as quadras, Wlamir ainda acumula empregos até se tornar apenas comentarista de TV.

Wlamir é o jogador craque e aquele que possui espírito de liderança. Como apontado em várias passagens do livro, o atleta era respeitado e admirado entre os companheiros. É aquele que não se intimida com os adversários. O discurso de si de Wlamir Marques expondo-o como ídolo do basquete pelas ótimas atuações em quadra e conquistas pode ser comprovado com o reconhecimento dos torcedores e profissionais ligados ao basquete e também por homenagens prestadas. “O Diabo Loiro tornou-se preferência nacional. Some-se a isso o fato de que foi apontado em enquete feita por uma revista especializada em esportes, de São Paulo, como o nono maior atleta brasileiro de todos os tempos, o primeiro na modalidade de basquete”. (MALVEIRA, 2013, p. 19).

Wlamir também recebeu o título de Cidadão Emérito de São Vicente, como uma homenagem, por todos os seus feitos e por ser um símbolo para a juventude. O atleta ganhou, também, o troféu Saci, patrocinado pelo jornal *O Estado de São Paulo* e o troféu Helms Athletic Foundation, por ter sido eleito o melhor jogador das Américas em 1961.

O atleta é também uma pessoa impulsiva, que tem personalidade forte e atitudes explosivas. Em certa ocasião, o jogador deixou a concentração do seu time na véspera de uma competição e retornou para casa, sem permissão, para se encontrar com a esposa. Em outro momento, quando estava competido com a seleção, Wlamir solicitou ao técnico a liberação da seleção para que ele pudesse acompanhar o nascimento do seu filho e teve seu pedido negado. O que ele fez? “Diante da negativa, Wlamir ainda queria mostrar a Kanela “com quem estava lidando”. Sua reação foi fulminante e na mesma moeda. Em plena madrugada, avisou Aumary que estava indo para Piracicaba, com ou sem a autorização de Kanela”. (MALVEIRA, 2013, p. 89).

Wlamir é o atleta que gostava de ditar moda. É o “cara” irreverente, pelo corte de cabelo diferente ou pelas camisas ousadas de tecido atoalhado, amarelas ou vermelhas, que resolveu comprar e desfilar com elas pelas ruas. Ele é também o galã, mesmo sem querer alimentar a imagem de símbolo sexual e sendo recatado. Além da sua bagagem como jogador de basquete, seu porte atlético “e ainda tendo sua figura adornada por olhos azuis e causando invejável atração entre o público feminino, o recatado Wlamir nunca se preocupou em cultivar a imagem de *sex symbol*”. (MALVEIRA, 2013, p. 19).

O Wlamir Marques apresentado é mais que o jogador brilhante nas quadras do esporte de bola ao cesto e o “cara” que tem personalidade forte. Ele é o homem apaixonado pela

esposa Cecília, é sensível, é humilde e não se deslumbra com a fama adquirida. É o sortudo e o homem de bom coração. Como Auri Malveira conta no livro, uma vez os atletas da seleção ganharam uma cozinha montada que deveria ser sorteada entre os jogadores. O vencedor do sorteio foi Wlamir, e ele, ao invés de ficar com o prêmio, o doou para um dos membros técnicos da seleção.

7. Considerações Finais

Além do que já foi abordado, vale ressaltar que a biografia “Wlamir Marques: O Diabo Loiro” apresenta mais do que a trajetória de vida do ídolo do basquete. Não é apenas o relato da história da carreira do jogador rumo ao sucesso no esporte de bola ao cesto, seus feitos, conquistas e aspectos da vida pessoal que foram contados. Ao narrar a história de Wlamir, revela-se também um pouco da história do próprio basquete. Histórias de times dos quais o atleta fez parte, histórias da Seleção Brasileira de Basquete.

O livro-reportagem-biografia sobre Wlamir cumpre um importante papel. A reconstrução da história do atleta e, por conseguinte, de fatos da história do próprio esporte de bola ao cesto, contribui para a preservação da memória dessa história. A obra biográfica eterniza um craque do basquete que começou a brilhar nas quadras há mais de 50 anos, colaborando para que sua trajetória venha para o conhecimento daqueles que não o viram jogar e, assim, a sua imagem não caia no esquecimento.

Referências

LE GOFF, J. **História e memória**. 1924. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIMA, E. P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 11-29.

MALVEIRA, Auri. **Wlamir Marques**: O Diabo Loiro. São Paulo: Panda Books, 2013.

MARTIN, Lucas Ferreira. A mídia esportiva e o leitor no processo de construção de um ídolo jogador de futebol: uma análise das matérias extracampos do site Globoesporte.com. In: **XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Uberlândia, 2015. Disponível

em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2015/resumos/R48-1062-1.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2015.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: Neurose. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

MUSSALIM, Fernanda. Uma abordagem discursiva sobre as relações entre ethos e estilo. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (org.) **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008, p.70-81.

PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Inês. A Vida dos Outros. **Portal da Comunicação Uol**. São Paulo: Uol. 2011. Disponível em <<http://portaldacomunicacao.uol.com.br/graficas-livros/47/artigo236379-1.asp>>. Acesso em: 28 set. 2015.

RETRATOS da Leitura do Brasil. In: **Ibope**. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/ptbr/conhecimento/relatoriospesquisas/Lists/RelatoriosPesquisaEleitoral/Job%20102479%20-%20Pr%C3%B3-Livro%20-%20Retratos%20da%20Leitura%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2014.

UNZELTE, C. **Jornalismo esportivo**: relatos de uma paixão. São Paulo: Saraiva, 2009.

VENANCIO, R. D. O. —Nós somos diferentes. **Observatório da Imprensa**. São Paulo. 2014. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/_ed788_nos_somos_diferentes/>. Acesso em: 13 out. 2015.

VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos: Jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

Recebido em: 23 de novembro de 2015.

Aceito em: 20 de dezembro de 2015.